

**ROTACISMO EM CONTEXTO ESCOLAR AMAZÔNICO: UMA ANÁLISE
VARIACIONISTA EM MOJU (PA)****RHOTACISM IN AN AMAZONIAN SCHOOL CONTEXT: A VARIATIONIST
ANALYSIS IN MOJU (PA)**

Marcos Jaime Araújo*

Raysse Bricio de Souza**

Railene Costa da Silva***

*Universidade do Estado do Pará***RESUMO**

Este artigo analisa a ocorrência do rotacismo, substituição da lateral alveolar /l/ pela vibrante /r/ em encontros consonantais do tipo CCV, em produções orais e escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental no município de Moju (PA), discutindo sua distribuição segundo variáveis sociais e suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa. Fundamentado na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) e no modelo do *continuum* rural-urbano (Bortoni-Ricardo, 2004), o estudo adotou abordagem mista, com aplicação de questionário sociolinguístico e ditado visual composto por nove itens lexicais, em duas modalidades: nomeação oral e registro escrito. Os resultados evidenciam distribuição assimétrica do fenômeno: na oralidade, registraram-se 3 ocorrências na zona urbana e 7 na zona rural; na escrita, identificaram-se 4 ocorrências na zona urbana e 5 na zona rural. Além disso, observou-se retração relativa do rotacismo na escrita, interpretada como efeito do monitoramento estilístico, bem como distribuição sensível ao cruzamento entre zona de residência e gênero. No plano avaliativo, 80% dos participantes classificaram o fenômeno como inadequado em contexto escolar, com rejeição unânime na zona urbana. Conclui-se que o rotacismo, embora de baixa frequência absoluta, organiza-se como regra variável socialmente condicionada e como estereótipo linguístico, o que evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a variação como componente constitutivo do português brasileiro.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Rotacismo; *Continuum* rural-urbano; Monitoramento estilístico; Ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

This article analyzes rhotacism, the replacement of the alveolar lateral /l/ by the alveolar rhotic /r/ in CCV consonant clusters, in oral and written productions by 6th-grade students in Moju (Pará, Brazil),

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor efetivo vinculado ao Departamento de Língua e Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: marcos.jaime@uepa.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6145-5928>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4750865776564165>.

** Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: railenesilva207@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9499-0891>.

*** Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: raysse.bdsouza@aluno.uepa.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7796-9513>.

discussing its distribution according to social variables and its implications for Portuguese language teaching. Grounded in Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008) and Bortoni-Ricardo's rural-urban *continuum* model (2004), the study adopts a mixed-methods approach, combining a sociolinguistic questionnaire with a picture-elicitation task composed of nine lexical items, collected in two modalities: oral naming and written recording. The results reveal an asymmetric distribution of rhotacism: in oral data, 3 occurrences were found in the urban group and 7 in the rural group; in written data, 4 occurrences were found in the urban group and 5 in the rural group. In addition, a relative decrease in writing was observed and interpreted as an effect of stylistic monitoring, as well as a distribution sensitive to the interaction between residence zone and gender. At the evaluative level, 80% of participants judged rhotacism as inappropriate in school contexts, with unanimous rejection in the urban group. The findings indicate that, although low in absolute frequency, rhotacism behaves as a socially conditioned variable rule and as a linguistic stereotype, reinforcing the need for pedagogical practices that treat variation as a constitutive feature of Brazilian Portuguese.

Keywords: Variationist sociolinguistics; Rhotacism; Rural-urban *continuum*; Stylistic monitoring; Portuguese language teaching.

1 INTRODUÇÃO

A heterogeneidade constitui traço estrutural das línguas naturais. No âmbito do português brasileiro, a variação fonológica manifesta-se de modo sistemático e socialmente distribuído, evidenciando que os usos linguísticos não se organizam de forma homogênea, mas segundo condicionamentos estruturais e sociais. Nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista, inaugurada por Labov (2008), demonstra que a variação não corresponde a desvio ou erro, mas a um princípio organizador do sistema linguístico, regulado por regras variáveis e sensível a fatores extralinguísticos.

A noção de regra variável, central no modelo laboviano, implica reconhecer que a língua não opera por alternâncias livres, mas por probabilidades condicionadas. Em vez de uma gramática categórica, tem-se um sistema no qual diferentes variantes competem em contextos específicos, sendo sua frequência relativa determinada por fatores estruturais e sociais. Assim, a variação deixa de ser compreendida como instabilidade ou falha do sistema e passa a constituir princípio organizador da gramática em uso. A heterogeneidade estruturada, nesse quadro, representa a coexistência sistemática de formas em alternância, cuja distribuição pode ser descrita estatisticamente e interpretada socialmente.

Entre os fenômenos fonológicos recorrentes no português brasileiro, destaca-se o rotacismo, entendido como a substituição da lateral alveolar /l/ pela vibrante /r/, sobretudo em encontros consonantais do tipo CCV. Embora historicamente documentado desde a transição do latim ao português e amplamente incorporado ao léxico culto, o rotacismo permanece, no

imaginário social, associado a variedades rurais e a falantes de menor escolarização, configurando-se, frequentemente, como marcador de estigma linguístico.

A literatura sociolinguística tem demonstrado que fenômenos dessa natureza não se distribuem aleatoriamente. Ao contrário, organizam-se segundo variáveis como faixa etária, gênero, escolaridade e, especialmente, espaço sociogeográfico. Nessa perspectiva, o modelo do *continuum* rural-urbano, proposto por Bortoni-Ricardo (2004), oferece importante instrumental teórico para compreender a coexistência e a circulação de variantes linguísticas em comunidades marcadas por intensos fluxos de mobilidade social e territorial.

No contexto amazônico, particularmente no município de Moju (PA), cuja configuração demográfica apresenta significativa presença rural, torna-se pertinente investigar em que medida o rotacismo se distribui entre alunos inseridos em diferentes redes de interação social. Considerando o espaço escolar como lócus privilegiado de contato entre variedades linguísticas e de tensão entre norma-padrão e usos vernaculares, questiona-se: o rotacismo, nesse contexto, confirma a organização variacionista segundo o *continuum* rural-urbano?

A investigação dessa questão ultrapassa a descrição fonológica do fenômeno, uma vez que permite refletir sobre seus efeitos para o ensino de Língua Portuguesa e para a construção de práticas pedagógicas menos estigmatizantes no espaço escolar.

Parte-se da hipótese de que o fenômeno apresenta distribuição sistemática, sensível à variável zona de residência e às redes de interação familiar, manifestando-se com maior recorrência entre alunos oriundos de contextos rurais. Assim, o objetivo deste artigo consiste em analisar a ocorrência do rotacismo em produções orais e escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, verificando sua distribuição segundo variáveis sociais e discutindo suas implicações sociolinguísticas e pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa.

Ao articular dados empíricos a pressupostos da Sociolinguística Variacionista, o estudo busca contribuir para a compreensão da variação fonológica em contexto escolar amazônico, além de problematizar a relação entre diversidade linguística, identidade social e práticas pedagógicas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) e no modelo do *continuum* rural-urbano (Bortoni-Ricardo, 2004), adotando abordagem mista (quantitativa e qualitativa) e natureza exploratório-descritiva. Parte-se do princípio de que

a alternância entre /l/ e /r/ em encontros consonantais do tipo CCV configura regra variável condicionada por fatores sociais e linguísticos.

2.1 Delineamento e Contexto da Pesquisa

O estudo foi realizado na CMEBI Prefeito Oton Gomes de Lima, no município de Moju (PA), entre 26 e 28 de agosto de 2025, totalizando aproximadamente 270 minutos de aplicação dos instrumentos.

Participaram 20 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental (11–12 anos), distribuídos equitativamente entre zona urbana (10) e zona rural (10), com paridade de gênero.

Quadro 1: Design metodológico e contexto da pesquisa.

Componente	Detalhamento
Tipo de pesquisa	Abordagem mista (qualitativa e quantitativa)
Local	CMEBI Prefeito Oton Gomes de Lima, Moju (PA)
Participantes	20 alunos do 6º ano (11–12 anos)
Recorte da amostra	10 zona urbana / 10 zona rural
Período de coleta	26 a 28 de agosto de 2025
Base teórica	Labov (2008); Bortoni-Ricardo (2004)

Fonte: Elaboração dos autores (2026).

A variável dependente corresponde à realização da lateral alveolar /l/ em encontros consonantais (CCV), considerando-se: (i) manutenção da lateral; (ii) realização rotacizada (/r/). A unidade de análise foi o token fonológico.

Foram consideradas como variáveis independentes sociais: zona de residência, gênero, escolaridade dos responsáveis e rede de interação predominante. Como variáveis linguísticas, analisaram-se modalidade (oral/escrita) e grau de monitoramento estilístico.

2.2 Instrumentos de Coleta

A coleta de dados ocorreu mediante dois instrumentos: (i) questionário sociolinguístico e (ii) ditado visual.

2.2.1 Questionário sociolinguístico

O questionário foi composto por 21 questões abertas e fechadas, organizadas em blocos temáticos voltados à identificação social, práticas de oralidade, produção escrita, percepção variacionista e interação escolar.

Quadro 2: Estrutura do questionário sociolinguístico

Bloco temático	Questões
Identificação social	1–4
Aspectos da oralidade	5–8
Produção escrita	9–13
Percepção variacionista	14–16
Contexto social	17–19
Interação escolar	20–21

Fonte: Elaboração dos autores (2026).

2.2.2 Ditado visual

O ditado visual foi composto por nove imagens selecionadas para provocar ocorrências em contextos fonológicos específicos.

O procedimento incluiu: (i) nomeação oral, com gravação digital; (ii) registro escrito posterior.

Quadro 3: Itens e variáveis do ditado visual.

Item lexical	Estrutura alvo	Finalidade
Flor, Planta, Blusa, Flecha, Globo	CCV com /l/	Verificar ocorrência de rotacismo
Bicicleta, Flamengo	CCV em léxico frequente	Observar monitoramento
Bola, Lata	Sílabas simples	Controle da lateral

Fonte: Elaboração dos autores (2026).

2.3 Organização e Análise dos Dados

As produções orais foram transcritas foneticamente para identificação dos contextos passíveis de rotacismo. As produções escritas foram analisadas quanto à manutenção ou substituição da lateral alveolar.

Para cada variável social, calcularam-se:

- (a) total de tokens possíveis;
- (b) número de ocorrências rotacizadas;
- (c) percentual relativo.

O cruzamento das variáveis permitiu identificar padrões de distribuição entre zona de residência, modalidade e gênero, bem como observar o efeito do monitoramento estilístico, conforme o modelo de regra variável (Labov, 2008).

2.4 Aspectos Éticos

A pesquisa observou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510/2016 para estudos em Ciências Humanas e Sociais. A participação dos alunos ocorreu mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por seus responsáveis legais, garantindo anonimato e confidencialidade dos dados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise do rotacismo em contexto escolar requer a articulação de três eixos teóricos fundamentais: (i) a concepção de variação como heterogeneidade estruturada, conforme os pressupostos da Sociolinguística Variacionista; (ii) a caracterização histórica e fonológico-social do fenômeno no português brasileiro; e (iii) a compreensão de sua distribuição segundo o *continuum* rural-urbano e as redes de interação social. Esses aportes permitem deslocar o rotacismo do campo do julgamento normativo para o da descrição científica, possibilitando examiná-lo como variável linguística sistemática, socialmente condicionada e indexicalmente marcada. A seguir, apresentam-se os fundamentos que sustentam essa perspectiva analítica.

3.1 Heterogeneidade Estruturada e Regra Variável

A consolidação da Sociolinguística Variacionista representou um deslocamento paradigmático nos estudos da linguagem, ao romper com a concepção de homogeneidade estrutural herdada do estruturalismo e do gerativismo. Ao invés de conceber a língua como sistema uniforme e abstrato, essa vertente reconhece a diversidade como princípio organizador do sistema linguístico.

Nesse sentido, Labov (2008) sustenta que a variação não constitui anomalia, mas parte integrante da estrutura da língua. A alternância entre formas não se dá de modo aleatório, mas é condicionada por regras variáveis sensíveis a fatores linguísticos e sociais. Conforme afirma o autor:

A existência de variação e de estrutura heterogênea nas comunidades de fala é um fato comprovado. Não existe falante-ouvinte ideal, nem comunidade homogênea. A heterogeneidade não é defeito do sistema, mas característica fundamental de sua organização. (Labov, 2008, p. 213)

A noção de heterogeneidade estruturada implica reconhecer que diferentes variantes podem coexistir no mesmo sistema, desde que mantenham equivalência funcional e valor referencial semelhante. Como explicitam Coelho *et al.* (2010), a variação exige intercambialidade contextual e manutenção de significado.

Desse modo, investigar o rotacismo sob essa perspectiva significa compreendê-lo como variável fonológica, cuja realização se distribui segundo condicionamentos identificáveis. Tarallo (2004) reforça que o estudo variacionista requer o cruzamento sistemático de variáveis linguísticas e extralinguísticas, permitindo identificar padrões estatísticos de ocorrência:

O estudo da variação linguística deve partir da observação sistemática dos dados empíricos e do cruzamento de fatores estruturais e sociais, a fim de explicar a frequência relativa das variantes em competição. (Tarallo, 2004, p. 24)

Portanto, o rotacismo não pode ser interpretado como erro de pronúncia, mas como manifestação de regra variável socialmente distribuída.

No modelo variacionista, a variável dependente corresponde ao fenômeno linguístico em alternância, neste estudo, a realização da lateral alveolar /l/ em encontros consonantais, enquanto as variantes representam as formas em competição, isto é, a manutenção da lateral ou sua realização rotacizada. A identificação de fatores condicionadores, sejam eles linguísticos (como contexto fonológico e modalidade) ou sociais (como zona de residência e gênero), permite explicar a probabilidade de aplicação da regra variável. Desse modo, a análise não se

limita à descrição qualitativa do fenômeno, mas envolve a quantificação das ocorrências e o cruzamento sistemático das variáveis, procedimento que confere rigor empírico à investigação sociolinguística.

3.2 Rotacismo no Português Brasileiro: dimensão histórica, estrutural e avaliativa

De acordo com Cristófar (2007), rotacismo, em termos gerais, é o processo fonológico em que uma consoante, geralmente uma lateral como o /l/, passa a uma rótica, como o /r/. No português brasileiro, esse fenômeno é classicamente observado na substituição do /l/ por /r/ em encontros consonantais ou em final de sílaba, como em "chiclete" > "chicrete" ou "falta" > "farta". Trata-se de um fenômeno linguístico que possui registros históricos desde a evolução do latim ao português. Processos como *plaga* > *praga*, *clavu* > *cravo* e *blandu* > *brando* evidenciam que a alternância entre líquidas integra a própria formação histórica do léxico português.

Do ponto de vista fonético-articulatório, a proximidade entre /l/ e /r/, ambos produzidos na região alveolar, favorece a alternância em contextos de encontros consonantais do tipo CCV. Mollica e Braga (2012) observam que esse é o lócus preferencial do fenômeno, sobretudo em sílabas complexas.

Do ponto de vista fonológico, a alternância entre /l/ e /r/ pode ser interpretada à luz da hierarquia de sonoridade e da estrutura silábica do português. Encontros consonantais do tipo CCV envolvem combinação entre consoante obstruinte e líquida, posição que favorece processos de simplificação ou reestruturação articulatória. A proximidade articulatória entre lateral e vibrante, ambas produzidas na região alveolar, reduz a distância fonética entre as variantes, favorecendo sua intercambialidade em determinados contextos. Em termos de economia articulatória, a vibrante pode funcionar como estratégia de resolução de encontros consonantais, sobretudo em redes de fala menos monitoradas. Tal perspectiva reforça a compreensão do rotacismo não como desvio individual, mas como possibilidade estrutural inscrita na gramática do português.

Contudo, embora historicamente legitimado, o rotacismo encontra-se fortemente marcado na avaliação social contemporânea. Labov (2008) distingue indicadores, marcadores e estereótipos linguísticos, sendo estes últimos formas conscientemente percebidas e frequentemente alvo de julgamento social:

Estereótipos são formas linguísticas amplamente reconhecidas pelos membros da comunidade e frequentemente sujeitas a comentários explícitos. Podem tornar-se foco de estigmatização social. (Labov, 2008, p. 208)

Nesse enquadramento, o rotacismo configura-se como estereótipo linguístico, especialmente quando associado a variedades rurais ou a falantes com menor escolarização. Bagno (2007) ressalta que fenômenos variacionais dessa natureza são frequentemente interpretados sob a ótica normativa do erro, reforçando práticas de exclusão simbólica no espaço escolar.

Nessa mesma direção, Bagno (2015) argumenta que o preconceito linguístico se manifesta quando determinadas variedades são convertidas em critérios de avaliação social, fazendo com que formas linguísticas historicamente legítimas sejam interpretadas como indícios de déficit cultural ou cognitivo. No contexto escolar, esse processo pode contribuir para a reprodução de práticas excludentes e para a estigmatização de usos linguísticos socialmente marcados.

Assim, o rotacismo articula duas dimensões indissociáveis: (i) Dimensão estrutural, relacionada ao funcionamento fonológico do sistema; e (ii) Dimensão ideológica, vinculada à avaliação social e ao estigma.

Essa dupla natureza torna o fenômeno objeto privilegiado para investigar a interface entre variação linguística, identidade social e práticas pedagógicas.

3.3 *Continuum* Rural-Urbano e Redes de Interação

A distribuição social das variantes linguísticas pode ser compreendida à luz do modelo do *continuum* rural-urbano, proposto por Bortoni-Ricardo (2004). A autora argumenta que as comunidades brasileiras não se organizam em polos dicotômicos rígidos, mas em um espectro sociolinguístico no qual práticas e variedades circulam conforme o grau de inserção dos falantes em redes de interação.

Como sustenta:

As comunidades brasileiras não se distribuem em polos opostos, rural versus urbano, mas em um *continuum* sociolinguístico no qual práticas linguísticas circulam de acordo com o grau de inserção dos falantes em redes mais ou menos urbanizadas. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 51)

Nesse quadro teórico, falantes inseridos em redes densas e localmente orientadas tendem a conservar variantes regionais, enquanto aqueles expostos a redes abertas e diversas apresentam maior monitoramento linguístico e maior aproximação da variedade de prestígio.

A noção de rede social, articulada ao *continuum* rural-urbano, permite compreender como práticas linguísticas se mantêm ou se transformam conforme o grau de densidade e multiplexidade das interações. Redes densas, caracterizadas por vínculos frequentes e múltiplas relações entre os mesmos indivíduos, tendem a favorecer a conservação de variantes locais, uma vez que exercem maior controle normativo interno. Já redes abertas e heterogêneas ampliam a exposição a variedades de prestígio, estimulando maior monitoramento linguístico. Nesse sentido, o comportamento do rotacismo entre alunos inseridos em contextos rurais pode ser interpretado como reflexo de dinâmicas de rede que ultrapassam a dicotomia geográfica simples.

A escola configura-se, nesse cenário, como espaço de contato entre variedades e de tensão entre norma-padrão e usos vernaculares. Ao mesmo tempo em que promove acesso à variedade de prestígio, pode reforçar julgamentos sobre formas estigmatizadas.

Assim, ao articular regra variável, avaliação social e *continuum* rural-urbano, estabelece-se o arcabouço teórico necessário para analisar o rotacismo no município de Moju (PA) como fenômeno sistemático, socialmente distribuído e indexicalmente marcado.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

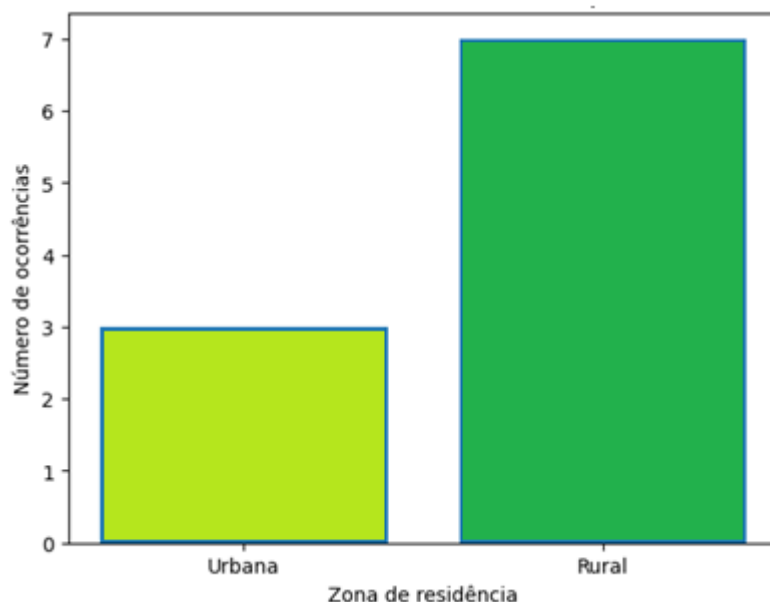
Nesta seção, analisam-se os dados provenientes do ditado visual e do questionário sociolinguístico com base na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) e do modelo do *continuum* rural-urbano (Bortoni-Ricardo, 2004). Parte-se da hipótese de que o rotacismo constitui regra variável condicionada por fatores sociais, especialmente zona de residência, gênero e modalidade (oralidade vs. escrita).

4.1 Distribuição Geral do Rotacismo no Ditado Visual

O ditado visual constituiu o instrumento central para observação da variável dependente: a realização da lateral alveolar /l/ em encontros consonantais do tipo CCV. Cada participante produziu nove itens lexicais em duas modalidades (oral e escrita), totalizando 180 tokens por

modalidade. Na análise das produções orais, observou-se distribuição assimétrica entre as zonas investigadas.

Gráfico 1: Ocorrências de rotacismo na oralidade por zona de residência.



Fonte: Elaboração dos autores (2026).

Conforme o Gráfico 1, acima, a zona rural concentra a maior parte das ocorrências rotacizadas na modalidade oral. No grupo urbano, registraram-se apenas três ocorrências, todas entre participantes do sexo masculino. Já na zona rural, o fenômeno mostrou-se mais produtivo, sendo observado em diferentes itens lexicais, como flor (fror), planta (pranta), blusa (brusa), flecha (frecha), globo (grobo), flamengo (framengo) e bicicleta (bicicreta).

Esse padrão confirma que o rotacismo não se distribui aleatoriamente, mas segundo condicionamento sociogeográfico. Nos termos de Labov (2008), trata-se de heterogeneidade estruturada, na qual a variável social “zona de residência” atua como fator relevante na frequência da variante.

A maior incidência rural dialoga diretamente com o modelo do *continuum* rural-urbano (Bortoni-Ricardo, 2004), segundo o qual redes densas e localmente orientadas tendem a favorecer a manutenção de variantes vernaculares.

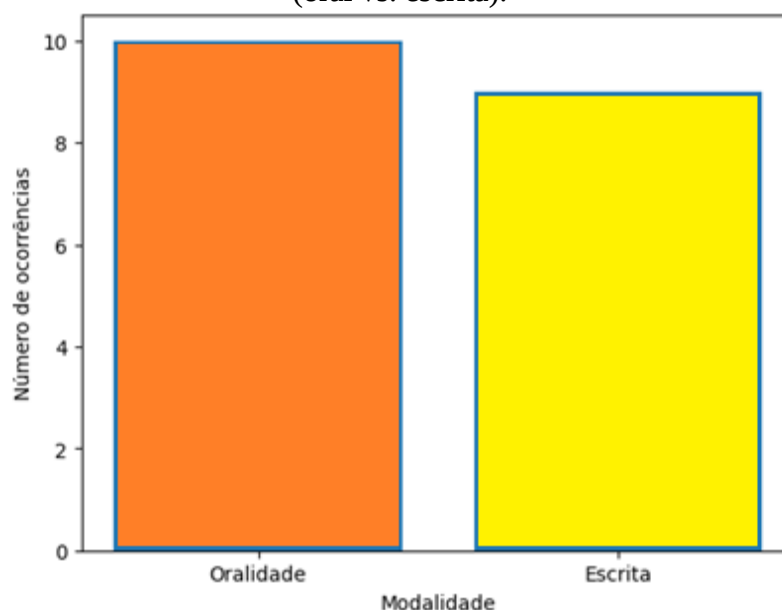
Do ponto de vista quantitativo, considerando-se o total de 90 tokens possíveis por zona na modalidade oral, registraram-se três ocorrências rotacizadas na zona urbana (3,3%) e sete ocorrências na zona rural (7,8%). Na modalidade escrita, igualmente considerando-se 90 tokens por zona, foram identificadas quatro ocorrências na zona urbana (4,4%) e cinco na zona rural

(5,5%). Esses dados evidenciam que, embora o rotacismo apresente baixa frequência absoluta, sua distribuição não é homogênea: observa-se maior incidência na oralidade rural e retração relativa na escrita, confirmando o efeito do monitoramento estilístico descrito por Labov (2008). A diferença percentual entre as zonas, ainda que moderada, corrobora a hipótese de condicionamento sociogeográfico segundo o *continuum* rural-urbano (Bortoni-Ricardo, 2004).

4.2 Efeito do Monitoramento: comparação entre oralidade e escrita

A comparação entre modalidades permite observar o impacto do monitoramento estilístico sobre a realização da regra variável.

Gráfico 2: Distribuição do rotacismo segundo modalidade (oral vs. escrita).



Fonte: Elaboração dos autores (2026).

O Gráfico 2, acima, evidencia retração significativa do fenômeno na escrita. Enquanto a oralidade apresenta maior número de ocorrências, sobretudo na zona rural, a modalidade escrita registra frequência reduzida em ambos os grupos.

Na zona urbana, identificaram-se quatro ocorrências na escrita, todas entre alunos do sexo masculino. Na zona rural, foram registradas cinco ocorrências escritas, distribuídas entre dois participantes. O contraste entre fala e escrita confirma o efeito do monitoramento estilístico

descrito por Labov (2008): em contextos formais, variantes socialmente marcadas tendem a ser suprimidas ou reduzidas.

O monitoramento estilístico, conforme descrito por Labov (2008), corresponde ao grau de atenção que o falante dedica à própria produção linguística. Em situações formais ou institucionalizadas, como a escrita escolar, tende-se a intensificar a vigilância normativa, reduzindo a aplicação de variantes socialmente marcadas. Tal mecanismo não implica desaparecimento da regra variável, mas sua reconfiguração probabilística. A comparação entre oralidade e escrita, portanto, não deve ser interpretada como oposição categórica, mas como deslocamento na frequência relativa das variantes em função do contexto de uso.

A escrita escolar funciona, assim, como espaço de vigilância normativa. Entretanto, a permanência de registros como “*frecha*” e “*grobo*” indica que o monitoramento não neutraliza completamente a regra variável, especialmente entre alunos oriundos de redes rurais mais densas.

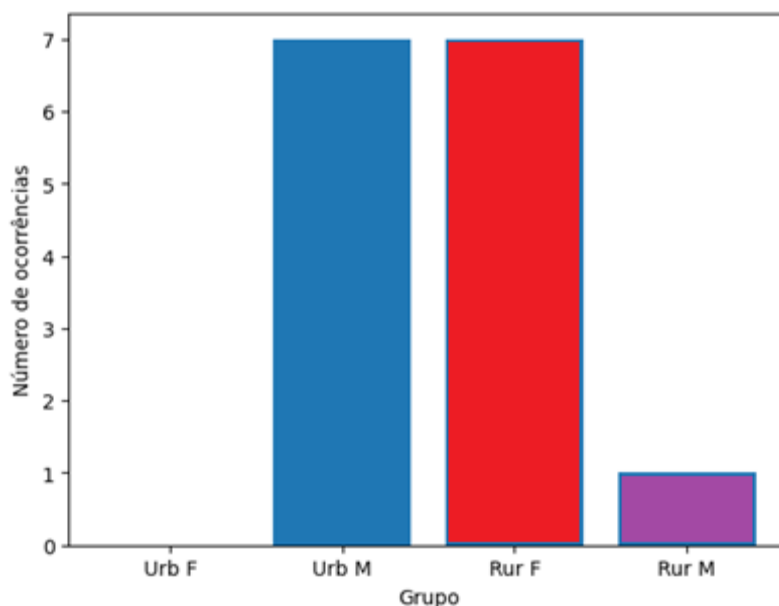
Do ponto de vista quantitativo, considerando-se o total geral de 180 tokens por modalidade, registraram-se dez ocorrências rotacizadas na oralidade (5,5%) e nove na escrita (5,0%). Embora os percentuais sejam próximos em termos globais, a distribuição interna revela que a oralidade rural concentra maior proporção relativa da variante, ao passo que a escrita apresenta retração sistemática. Tal padrão confirma o efeito do monitoramento estilístico descrito por Labov (2008), segundo o qual contextos de maior formalidade tendem a reduzir a aplicação de variantes socialmente marcadas.

4.3 Zona de Residência e Gênero: cruzamento das variáveis sociais

O cruzamento entre zona de residência e gênero revela distribuição interessante da variável.

Na zona rural, o rotacismo na oralidade foi observado exclusivamente entre alunas do sexo feminino. Já na zona urbana, as ocorrências concentraram-se apenas entre alunos do sexo masculino, tanto na fala quanto na escrita.

Gráfico 3: Distribuição do rotacismo segundo zona e gênero.



Fonte: Elaboração dos autores (2026).

Esse resultado indica que o condicionamento social da regra variável não se limita à variável geográfica, mas envolve também o fator gênero. Conforme a tradição variacionista, variantes estigmatizadas podem apresentar comportamentos distintos conforme o grupo social considerado.

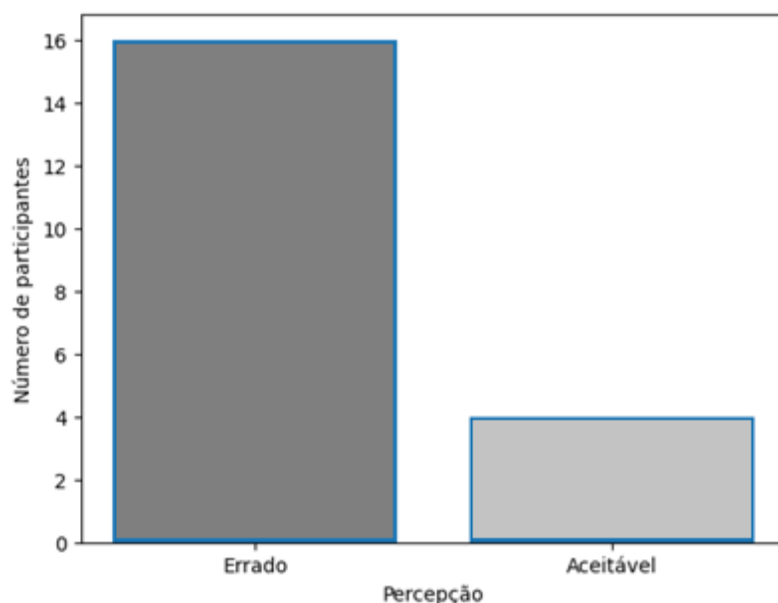
Ainda que a amostra não permita generalizações amplas, o padrão observado reforça a ideia de que o rotacismo funciona como marcador social sensível à organização interna das redes de interação.

No cruzamento entre zona e gênero, observa-se que, na oralidade, as sete ocorrências rurais concentram-se integralmente entre alunas do sexo feminino (7,8% dos 90 tokens rurais), enquanto as três ocorrências urbanas concentram-se exclusivamente entre alunos do sexo masculino (3,3% dos 90 tokens urbanos). Esse padrão sugere que o condicionamento da variável não se limita ao fator geográfico, mas articula-se a dinâmicas específicas de rede social e identidade de gênero, ainda que a dimensão reduzida da amostra recomende cautela na generalização dos resultados.

4.4 Avaliação Metalinguística: o rotacismo como estereótipo

Para além da frequência de ocorrência, o questionário sociolinguístico investigou a percepção dos alunos acerca do fenômeno.

Gráfico 4: Avaliação metalinguística do rotacismo (percepção de “certo” e “errado”).



Fonte: Elaboração dos autores (2026).

Os dados indicam que a maioria dos participantes classifica o rotacismo como “errado” em contexto escolar, especialmente na zona urbana, onde a rejeição foi unânime. Na zona rural, embora a maior parte também o considere inadequado no espaço escolar, há pequena parcela que o avalia como aceitável.

Esse contraste evidencia a dupla natureza do fenômeno: (i) Regra variável estruturalmente condicionada e (ii) Estereótipo socialmente reconhecido e avaliado.

Nos termos de Labov (2008), estereótipos linguísticos são formas amplamente percebidas e sujeitas a julgamento explícito. O rotacismo, no contexto investigado, ultrapassa a dimensão fonológica e assume valor indexical, funcionando como marcador identitário associado ao espaço rural.

A rejeição majoritária do rotacismo no contexto escolar evidencia que a variação fonológica não se restringe ao plano estrutural, mas se inscreve em processos de construção simbólica e hierarquização social. Ao ser percebida como “erro”, a variante rotacizada passa a funcionar como índice de pertencimento social, associando-se a identidades rurais e a trajetórias de menor escolarização. Tal enquadramento confirma a dimensão ideológica da variação linguística e reforça o papel da escola como espaço de produção e circulação de valores normativos. Reconhecer essa dimensão implica deslocar o debate do campo da correção para o da reflexão crítica sobre diversidade linguística.

Em termos quantitativos, dos 20 participantes, 16 (80%) classificaram o rotacismo como inadequado em contexto escolar, enquanto quatro (20%) o avaliaram como aceitável ou não problemático. A rejeição foi unânime entre os alunos da zona urbana (100%), ao passo que, na zona rural, verificou-se pequena margem de tolerância (10%). Esses dados evidenciam que o fenômeno opera simultaneamente como regra variável e como estereótipo linguístico socialmente reconhecido, confirmando a dimensão ideológica que envolve sua circulação no espaço escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a ocorrência do rotacismo em produções orais e escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental no município de Moju (PA), verificando sua distribuição segundo variáveis sociais e discutindo suas implicações sociolinguísticas e pedagógicas com base na Sociolinguística Variacionista e do modelo do *continuum* rural-urbano.

Os resultados confirmam a hipótese inicial de que o fenômeno apresenta distribuição sistemática, sensível à variável zona de residência e ao grau de monitoramento estilístico. Embora a frequência absoluta de aplicação da regra variável seja relativamente baixa, a diferença percentual entre zona urbana e rural, especialmente na modalidade oral, evidencia condicionamento sociogeográfico compatível com o modelo de heterogeneidade estruturada proposto por Labov (2008).

A retração do fenômeno na escrita confirma o efeito do monitoramento estilístico, demonstrando que o espaço escolar atua como ambiente de regulação normativa, ainda que não neutralize completamente a circulação da variante rotacizada. O cruzamento entre zona e gênero, por sua vez, sugere que a variável não opera isoladamente, mas se articula a dinâmicas específicas de rede social e identidade.

No plano avaliativo, os dados revelam forte rejeição do rotacismo em contexto escolar, sobretudo entre alunos da zona urbana, o que reforça sua condição de estereótipo linguístico socialmente reconhecido. Tal resultado evidencia a dimensão ideológica do fenômeno, confirmando que a variação fonológica ultrapassa o nível estrutural e se inscreve em processos de construção identitária e hierarquização social.

Desse modo, o estudo contribui para a compreensão da variação fonológica em contexto escolar amazônico, demonstrando que o rotacismo não constitui erro, mas manifestação de

regra variável socialmente condicionada. Ao evidenciar a coexistência entre diversidade linguística e normatividade escolar, a pesquisa reforça a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a variação como componente constitutivo da língua, evitando sua redução a marcador de déficit.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados indicam a necessidade de práticas de ensino que articulem norma-padrão e consciência variacionista, evitando a estigmatização de formas vernaculares. A incorporação de princípios sociolinguísticos à formação docente, conforme Bagno (2015), pode contribuir para a construção de ambientes escolares mais inclusivos, nos quais a diversidade linguística seja compreendida como recurso e não como déficit. Tal perspectiva dialoga com diretrizes curriculares que reconhecem a pluralidade linguística brasileira como elemento constitutivo da cidadania linguística.

Por fim, reconhece-se que a dimensão reduzida da amostra recomenda cautela quanto à generalização dos resultados. Investigações futuras com amostras ampliadas e controle estatístico mais refinado poderão aprofundar a análise do fenômeno em diferentes contextos amazônicos, ampliando o debate sobre variação, identidade e ensino de língua materna.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O português do Brasil rural e urbano: um estudo sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- DIDA, Kamilla S. *Diferença não é deficiência linguística: o tratamento do rotacismo na fala e na escrita de alunos do Ensino Fundamental*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) — Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2015.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2004.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2007.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados dos resultados da pesquisa constam no corpo deste artigo.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto ([Open Access](#)) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](#). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](#) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](#) da [Crossref](#).



PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



HISTÓRICO

Submetido: 02 de março de 2026.

Aprovado: 14 de junho de 2026.

Publicado: 25 de agosto de 2026.